

Portugal tem 20 espécies de Anfíbios (embora existam 2 exóticas também já instaladas).

Não sendo animais nocivos, alguns possuem conotações negativas de natureza tradicional que têm levado à sua destruição.

Por outro lado, para além de serem presas apetecíveis para inúmeros predadores, também integram a dieta *gourmet* de várias sociedades, o que leva à sua captura e morte (ou mesmo à sua criação artificial para a alimentação humana).

Mas a principal causa do seu desaparecimento decorre da destruição dos seus habitats e do emprego de pesticidas na agricultura, que liquida completamente os insetos de que estes se alimentam.

Este desequilíbrio dos ecossistemas conduz também ao redireccionamento alimentar de outros animais que assim passam a exercer uma muito mais forte pressão de predação sobre eles (por exemplo as cegonhas).

Os Anfíbios caracterizam-se por terem a pele nua, macia e húmida, o que lhes facilita a respiração cutânea. Sofrem metamorfoses passando por fases iniciais larvares incompletas e nas fases adultas existem significativas diferenças morfológicas relativamente aos estádios iniciais. Sobretudo nas fases larvares estão muito dependentes dos ecossistemas aquáticos.

A Classe *Amphibia* (Anfíbios) está dividida em 3 ordens: *Caudata* (Urodelos), *Anura* (Anúros) e *Apoda* (Ápodes), embora em Portugal somente as duas primeiras estejam representadas.

Existe uma relativa proximidade genética entre os Anfíbios e os Peixes, sendo possível que os segundos estejam na origem dos primeiros.

Durante a última glaciação alguns anfíbios refugiaram-se no Sul da Europa e aí deram origem a endemismos (E).

Todos os nossos anfíbios estão protegidos e listados na Convenção de Berna: uns no anexo II (espécies da fauna estritamente protegidas) e outros no anexo III (espécies da fauna protegidas).

Nome Comum (Nome científico)	Distribuição	Informações	Foto
---------------------------------	--------------	-------------	------

Ordem **Caudata** –

Família Salamandridae

Goldfuss, 1820

Salamandra-de-fogo ou Salamandra-comum (<i>Salamandra salamandra</i>) III		Caracteriza-se pela presença de pintas amarelas ou alaranjadas pelo corpo todo. Espécie bastante comum. Costuma encontrar-se em noites húmidas a atravessar estradas, durante a sua migração.	
Salamandra-lusitânica (<i>Chioglossa lusitanica</i>) E II		Distingue-se de todas as outras espécies de salamandra portuguesas pelo tamanho da sua cauda, que ultrapassa o tamanho do resto do corpo. Esta espécie endémica da Península Ibérica é o símbolo da área protegida da Serra de Valongo.	
Salamandra-dos-poços ou de-costelas-salientes (<i>Pleurodeles waltl</i>) III		Espécie de grande tamanho, sendo a maior da Europa. Como defesa contra predadores, as costelas tem pontas afiadas que saem por perfurações na pele.	
Tritão-ibérico (<i>Lissotriton boscai</i>) E III		Tritão de pequeno tamanho. Pode ser confundido com o tritão-palmado, embora tenha o ventre laranja, e o tritão-palmado tenha a barriga amarela.	
Tritão-palmado (<i>Lissotriton helveticus</i> ssp. <i>alonsoi</i>) III		Deriva o seu nome das membranas interdigitais que possui nas patas posteriores. Em Portugal, existe apenas a subespécie <i>T. h. alonsoi</i> e distribui-se a Norte do rio Vouga.	
Tritão-marmoreado (<i>Triturus marmoratus</i>) III		Espécie de meio porte. Surge apenas a Norte do Rio Tejo. Tem um padrão corporal de vários tons de verde. Os machos podem apresentar uma pequena crista dorsal durante a época de reprodução.	
Tritão-marmoreado-pigmeu (<i>Triturus pygmaeus</i>) III		Anteriormente considerada subespécie do tritão-marmoreado, distingue-se deste pelo seu menor tamanho e um padrão de cores diferente.	
Tritão-de-crista-italiano (<i>Triturus carnifex</i>)		Exótica: Embora esta espécie seja endémica das Penínsulas itálica e balcânica, foi introduzida recentemente nos Açores	

Ordem **Anura**–

Família Discoglossidae

Günther, 1858

Sapo-parteiro-ibérico (<i>Alytes cisternasii</i>) E II		Os machos desta espécie transportam os ovos nas costas. Distingue-se do sapo-parteiro-comum pelo chamamento. Existe principalmente a Sul do Tejo e no interior do país perto da fronteira com Espanha	
---	---	---	---

Nome Comum (Nome científico)	Distribuição	Informações	Foto
---------------------------------	--------------	-------------	------

Ordem **Anura**–

Família Discoglossidae

Günther, 1858 (continuação)

Sapo-parteiro-comum (<i>Alytes obstetricans</i>) II		Tal como o sapo-parteiro-ibérico, são os machos que cuidam dos ovos, transportando-os nas costas. Esta espécie existe por toda a Europa ocidental, mas a sua distribuição é fragmentada em Portugal, onde existe apenas a norte do rio Tejo e na Serra de São Mamede.	
Rã-de-focinho-pontiagudo (<i>Discoglossus galganoi</i>) E III		Embora da mesma família que os sapos-parteiros, a sua pele é bastante mais lisa.	

Ordem **Anura**–

Família Pelobatidae

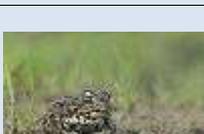
Bonaparte, 1850

Sapo-de-unha-negra (<i>Pelobates cultripes</i>) II		Os adultos desta espécie possuem duas calosidades nas patas anteriores, que os ajudam a cavar um buraco na terra, onde se escondem durante o dia. Os girinos desta espécie são fáceis de identificar devido ao seu grande tamanho, comparado com outras espécies.	
Sapinho-de-verrugas-verdes (<i>Pelodytes punctatus</i>) III		Animais muito pequenos, atingindo em adultos apenas 4,5 cm. Apresentam verrugas alongadas nas costas, muitas vezes em filas ao longo do corpo.	
Sapinho-de-verrugas-verdes-ibérico (<i>Pelodytes ibericus</i>) III		Espécie recentemente descrita. Anteriormente julgava-se que fazia parte da espécie <i>Pelodytes punctatus</i> .	

Ordem **Anura**–

Família Bufonidae

Gray, 1825

Sapo-comum (<i>Bufo bufo</i>) III		Sapo muito comum por toda a Europa. Os adultos passam a maior parte do ano em terra. Durante a migração para os locais de reprodução, muitos animais desta espécie são atropelados nas estradas. Em alguns locais, são feitos túneis debaixo de estradas nos corredores de migração, para limitar a quantidade de mortes.	
Sapo-corredor (<i>Epidaeia calamita</i>) II		Mais pequeno que o sapo-comum. As suas patas posteriores são grandes, o que lhe dá uma forma estranha de andar. Distingue-se do sapo-comum por uma risca amarela ao longo da coluna.	

Nome Comum (Nome científico)	Distribuição	Informações	Foto
Ordem Anura –	Família Hylidae	Rafinesque, 1815	
Rã-arborícola-europeia (<i>Hyla arborea</i>) II		Muitas vezes vistas penduradas em caniço ou outro tipo de vegetação. Como começam a coaxar quando se aproxima chuva, era usada antigamente como barómetro.	
Rela-meridional (<i>Hyla meridionalis</i>) III		Ligeiramente menor que a rã-arborícola-europeia. A risca lateral preta estende-se apenas até às patas anteriores.	
Rã-de-unhas-africana (<i>Xenopus laevis</i>)		Exótica: Natural de África, a rã-de-unhas-africana foi já detectada em vários países fora da sua área de origem, incluindo Portugal. É um organismo modelo no campo da embriologia, biologia molecular e fisiologia e é também bastante utilizado por terrariofilistas.	

Ordem **Anura**–

Família Ranidae

Rafinesque, 1814

Rã-ibérica (<i>Rana iberica</i>) E III		Endémica do Noroeste da Península Ibérica. Em Portugal, encontra-se maioritariamente a Norte do rio Tejo, embora haja uma população isolada na Serra de São Mamede.	
Rã-verde (<i>Rana perezi</i>) III		Espécie muito comum em todo o território português. Foi introduzida tanto na Madeira como nos Açores.	

Atividade:

Fazer uma pesquisa sobre um dos anfíbios que ocorrem em Portugal, recolhendo imagens e as diferentes características para os apresentar aos colegas de turma.